

JOHN STOTT: EVANGELICALISMO INTELECTUAL, SOCIAL E CRISTOCÊNTRICO

Clício Ribas Torres¹

Resumo

Escritor de mais de 50 livros, defensor da Bíblia e de influência mundial, John Stott é um dos teólogos mais importantes do nosso tempo. O autor desse artigo objetivou apresentar três grandes temas recorrentes na extensa obra de John Stott: a importância da mente, a dupla responsabilidade missionária e a centralidade singular Jesus Cristo. John Stott preocupou-se com o lugar da mente no processo de conversão, durante a leitura bíblica e na proclamação do evangelho. Segundo Stott, todo cristão tem uma dupla responsabilidade missionária: a evangelização e a ação social. John Stott defende a singularidade de Jesus Cristo, sendo este, o único meio de salvação. Dessa forma Stott afirma que o propósito da Bíblia é conduzir-nos a Jesus e que a proclamação do evangelho deve ser centrada em Cristo.

Palavras-chave: John Stott; Teologia evangélica; Missão da Igreja.

Abstract

Author of over 50 books, Bible champion and worldwide influence, John Stott is one of the most important theologians of our time. This article attempts to achieve the objective of presenting three major recurring themes in the extensive work of John Stott: the importance of the mind, the duo missionary responsibility and singular centrality of Jesus Christ. John Stott was concerned with the place of the mind in the process of conversion, while reading the Bible and the proclamation of the gospel. According to Stott, every Christian has a dual responsibility missionary evangelism and social action. John Stott defends the uniqueness of Jesus Christ, this being the only means of salvation. Thus Stott says that the purpose of the Bible is to lead us to Jesus and the proclamation of the gospel is to be Christ-centered.

¹ Bacharel em Ciências Econômicas pela UPIS/DF, Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Católica de Uberlândia e Mestrando em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná.

E-mail: cliciort@gmail.com

Key-words: John Stott; Evangelical theology; Mission of the Church.

1. Introdução

Meu primeiro contato com os escritos de John Stott foi aos dezessete anos no início da minha vida acadêmica. *A Bíblia, o Livro para Hoje* foi uma das minhas aquisições como participante da Aliança Bíblica Universitária (ABU) em Montes Claros no norte de Minas Gerais. Mesmo principiante e imaturo promovi alguns encontros para estudo bíblico nos intervalos das aulas. Além de Stott, Leonora Van der Meer, Samuel Escobar e o Pacto de Lausanne foram meus autores/livros companheiros durante aqueles encontros com os estudantes.

Àquela época não imaginava que ousaria escrever algo sobre o célebre John Stott. No entanto, algumas frases sublinhadas naquele livro e guardadas no meu íntimo (até agora!) permaneceram como marcas indelévels. Stott perguntava: “Será que Deus não está chamando algum teólogo mais jovem que esteja lendo estas páginas para ser um contraforte da verdade da igreja, para mantê-la com firmeza, defendê-la contra heresias e interpretações erradas? É uma linda vocação!”². Agora, vinte anos depois, mestrando em teologia, atrevo-me a redigir estas poucas e pobres páginas sobre tão grande homem. Escrevo, não somente por causa da minha admiração a John Stott, mas sobretudo pelo significado global que o seu trabalho evangelizador e de ensino bíblico representam.

Seria impossível sintetizar todo o pensamento de John Stott em tão poucas páginas, além de muito pretensioso. Dessa forma, o presente artigo tentou alcançar o objetivo de apresentar três grandes temas recorrentes na extensa obra de John Stott: a importância da mente, a dupla responsabilidade missionária e a centralidade singular da obra salvífica de Jesus Cristo. Tentando escapar do lugar-comum – por exemplo, a sua divergência com Lloyd-Jones ou comentários sobre os grandes clássicos escritos por Stott – este artigo dará valor à subtemas presentes em seus registros como conversão, leitura bíblica, pregação e obra missionária.

O artigo inicia com uma breve biografia a fim de situar os desconhecedores do teólogo em questão. Depois, apresentará as questões teológicas conforme os temas citados acima: a mente do cristão, a Missão da Igreja e o incomparável Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo.

2. John Stott

² John Stott, *A Bíblia o livro para hoje*, ABU Editora, 1993, p.78.

Uma dentre as “100 pessoas mais influentes do mundo” de acordo a lista referente ao ano de 2005 da Revista Times³, escritor de mais de 50 livros, John Robert Walmsley Stott é, sem dúvida, um dos teólogos mais importantes do nosso tempo.

Único menino dos quatro filhos do casal Sir Arnold e Lady Lily Stott, John nasceu em 1921 na cidade de Londres, Inglaterra. Enquanto Arnold o apresentava às divertidas curiosidades das borboletas e dos pássaros, Lily o levava à Igreja Anglicana All Souls Lagham Place que ficava próximo à sua casa. Lily também o ensinou a ler a Bíblia e a fazer as orações.

Arnold queria que seu filho fosse culto, de boa conduta moral, por isso o enviou para estudar na Rugby School, uma das instituições de ensino privado mais conceituadas do país. Os meninos eram treinados para valorizar a hierarquia, o respeito e a disciplina, conforme “os valores das classes alta e média-alta inglesas”⁴. Stott destacou-se como aluno, vencedor de bolsas de estudo, tanto em Rugby quanto em Cambridge, posteriormente. Foi solista na orquestra de Rugby, na qual tocava celo. Além de valorizar o heroísmo, o trabalho em equipe e o cavalheirismo, a escola era regida por um comprometimento cristão de confissão anglicana. Havia, para os alunos, trabalhos obrigatórios na capela por, pelo menos, seis semanas.

No entanto, suas visitas à capela para ler livros religiosos e recitar orações, “tudo isso”, afirmou Stott, “não tinha proveito algum”⁵. Ele continuava alienado de Deus. Foi num domingo, em fevereiro de 1938, que a Rugby School recebeu a visita de um sacerdote anglicano, Eric Nash. Conforme os escritos de Stott, aquele pregador “lançou luz” sobre seu dilema. A “persistência” de Cristo fê-lo abrir a porta do coração.

O menino que outrora passava “mais tempo fora que dentro” da classe da Escola Bíblica Dominical⁶, tornou-se um defensor da Bíblia. No Brasil temos disponíveis, por exemplo, a série “A Bíblia Fala Hoje” – na qual John Stott escreve sobre livros bíblicos separadamente – e a defesa da atualidade das Escrituras em “A Bíblia, o livro para hoje”, publicados pela Editora ABU, além de “Entenda a Bíblia” da Editora Mundo Cristão. Dudley

³ The 2005 TIME 100, The lives and ideas of the world's most influential people, in http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1972656_1972717_1974108,00.html, acessado em 29/07/2013.

⁴ Alister Chapman, *Godly Ambition*, Oxford University Press, p.12.

⁵ John Sott, *Por que sou cristão*, Ultimato, p.31.

⁶ Chris Wright, *John Stott: Pastor, leader and friend*, The Lausanne Movement, 2012, p.9.

escreveu que “não é preciso ler muitos dos escritos de John Stott para perceber que sua preocupação principal é ensinar e expor a fé revelada, como também interpretar a autoridade e atemporalidade das Escrituras para o mundo contemporâneo”⁷. Billy Graham escreveu a seu respeito: “Ele representa um marco do autêntico conhecimento bíblico que, em minha opinião, tem pouco paralelo desde os dias dos reformadores europeus do século XVI”⁸.

A influência global de Stott é notável sobretudo em países chamados – à sua época – de Terceiro Mundo. O testemunho de Ajith Fernando, Diretor nacional da Mocidade para Cristo no Sri Lanka, é que o livro de John Stott *A Missão Cristã no Mundo Moderno* “se tornou quase um manual que me auxiliou em muitas escolhas que fiz”⁹. O Pacto de Lausanne, do qual “um dos principais autores foi Stott”¹⁰, teve participação decisiva do Terceiro Mundo representado pelos nomes Carlos René Padilla e Samuel Escobar. “O trabalho de John é um fator significativo no crescimento explosivo do cristianismo em algumas partes do Terceiro Mundo”¹¹, afirmou Billy Graham.

Talvez o livro mais conhecido de Stott seja *Cristianismo Básico* com publicação em mais de 50 idiomas. Ele não usava computador, como confessou em seu último livro *O Discípulo Radical*, no qual ainda usou a caneta – aos 88 anos – para escrever uma despedida aos seus fiéis leitores.

“John Stott defendia o estilo de vida simples, e ele praticava isto”¹². Entre 1970 e 2007, ele viveu em um apartamento de dois quartos construído sobre a garagem da sua paróquia. Stott partiu na tarde de 27 de julho de 2011 em Surrey, Inglaterra, no College of St Barnabas, “um lar para clérigos aposentados”¹³. Combateu o bom combate, correu a carreira e guardou a fé.

3. Sua mente é importante

Na maior parte dos escritos deixados por Stott encontramos referências sobre a participação da mente, tanto na conversão quanto no amadurecimento cristão. Dudley afirma

⁷ Timothy Dudley-Smith, *Cristianismo Autêntico – 968 textos selecionados da obra de John Stott*, Editora Vida, 2006, p.12.

⁸ Billy Graham, *The 2005 TIME 100*, in www.time.com, 2005.

⁹ John Stott, *A Missão Cristã no Mundo Moderno*, Ultimato, 2010, p.8.

¹⁰ Justo González, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé*, Hagnos, 2008, p.594.

¹¹ Billy Graham, *The 2005 TIME 100*, 2005.

¹² Chris Wright, *John Stott : Pastor, leader and friend*, The Lausanne Movement, 2012, p.9.

¹³ *Ibid.*

que “a necessidade do ‘pensamento cristão’ é um tema recorrente no ministério de ensino de John Stott, quer no London Institute, quer em suas viagens, quer em seus livros”¹⁴.

Para Stott, a conversão é falsa se a mente não for convertida. Segundo ele, “nenhum homem, ou mulher, é verdadeiramente convertido se não estiver intelectualmente convertido. E ninguém pode afirmar que é intelectualmente convertido se não submeter sua mente à autoridade de Jesus, como Senhor”¹⁵. Essa conversão, contudo, não é mérito humano. Para ele, ninguém decide por Cristo, mas “Cristo se decidiu por nós. É a busca desse ‘amante tremendo’ que nos torna cristãos”¹⁶. Stott afirma que todo o processo de conversão inicia-se com a obra do Espírito Santo. O convencimento do pecado (Jo 16.8-11); a condução da pessoa a crer em Jesus como Senhor (1 Co 12.3); o novo nascimento ‘do Espírito’ (Jo 3.6-8); e o crescimento cristão (2 Co 3.18). No entanto, todo esse processo, segundo Stott, deve ser entendido e reconhecido pelo intelecto humano.

Nos seus argumentos apresentados em *Por que sou Cristão*, Stott defende que a conversão é um processo nem sempre “repentino”. Tomando como exemplo as conversões do apóstolo Paulo, Agostinho de Hipona, C. S. Lewis e Malcolm Muggeridge, Stott afirma que Jesus é como um “Cão de Caça do Céu” em sua busca incansável pela nossa conversão. Ele argumenta que Cristo procura conduzir nosso intelecto a Ele mesmo, “cutucando” nossa mente, memória, consciência e espírito. Nesse processo, às vezes longo, Jesus “nos busca, nos persegue e nos adverte”, batendo insistentemente à nossa porta. Sua própria conversão é narrada nesses termos. Stott escreve que embora cresse na existência de Deus, “não conseguia encontrá-lo” em suas leituras de livros religiosos ou na recitação de orações. Ele estava alienado - “distante e afastado” de Deus. Além disso, Stott afirma que havia nele um “senso de derrota”, pois “era uma pessoa com altos ideais, mas sem a mínima disposição de alcançá-los. Em meio a todo esse sentimento de alienação e fracasso, o Estranho à porta continuava batendo”¹⁷. Foi quando Nash lhe explicou que Cristo havia morrido para transformar sua alienação em reconciliação, e, ressuscitado para lhe dar vitória no lugar do fracasso. Sua mente entendeu a busca espontânea e incansável de Cristo; sua memória lembrou-o das tantas maneiras que Jesus o cutucou; sua consciência fê-lo admitir pecador, necessitando de

¹⁴ Timothy Dudley-Smith, *Cristianismo autêntico : 968 textos selecionados da obra de John Stott*, Editora Vida, 2006, p.12.

¹⁵ *Ibid.*, p.343.

¹⁶ John Stott, *Por que sou Cristão*, Ultimato, 2004, p.20.

¹⁷ John Stott, *Por que sou Cristão*, Ultimato, 2004, p.31.

salvação; e seu espírito rendeu-se ao senhorio de Cristo. Nesse sentido, Stott escreve que o objetivo do evangelho deve ser “ganhar o homem todo para o Cristo total, e para isso é necessário o completo consentimento de sua mente, coração e vontade”¹⁸.

Stott continua seus argumentos em favor do pensamento cristão, afirmando que, não só na conversão, mas em toda a caminhada do crente a mente tem seu apelo necessário. Para ele, “o maior segredo da vida santa está na mente”¹⁹. Nos argumentos de John Stott em “Crer é também pensar”, ele defende a participação da mente em toda a vida cristã: durante o culto a Deus, na pregação do evangelho, no entendimento da vontade de Deus, no processo de santificação e na ministração dos dons. Para ele “a disposição mental para compreender e a humilhação de si mesmo perante Deus são sinais do ardente desejo de quem quer alcançar a verdade divina”²⁰.

O crescimento espiritual ou o amadurecimento cristão, segundo Stott, dá-se pela leitura da Bíblia. “Não hesito em dizer que a Bíblia é indispensável para a saúde e o crescimento de todos os cristãos. Os cristãos que negligenciam a Bíblia simplesmente não amadurecem”²¹, afirmou. Para o auxílio na leitura bíblica, por exemplo, Stott argumenta que a mente é uma ferramenta que Deus presenteou aos seres humanos. “Os homens têm cabeça para pensar, e não devem sufocar ou apagar seu intelecto, mas usá-lo com humildade e reverência diante da revelação divina”²². Para Stott, “Deus se revelou por intermédio de palavras às mentes humanas. Sua revelação é uma revelação racional a criaturas racionais”²³. Stott ainda nos lembra de que a participação da mente humana no processo de leitura bíblica não a transforma em árbitro ou lhe confere autoridade. A mente deve ser usada para o entendimento da ordem e proporcionar sua execução em total submissão à revelação divina. Em suas palavras, “a verdadeira função da mente não é julgar a Palavra de Deus, mas sentar-

¹⁸ John Stott, *Crer é também pensar*, ABU Editora, 2001, p.51.

¹⁹ Timothy Dudley-Smith, *Cristianismo autêntico : 968 textos selecionados da obra de John Stott*, Editora Vida, 2006, p.309.

²⁰ John Stott, *Crer é também pensar*, ABU Editora, 2001, p.59.

²¹ Timothy Dudley-Smith, *Cristianismo autêntico : 968 textos selecionados da obra de John Stott*, Editora Vida, 2006, p.300.

²² John Stott, *O Perfil do Pregador*, Ultimato, 2011, p.105.

²³ John Stott, *Crer é também pensar*, ABU Editora, 2001, p.19-20.

se em humildade sob ela, ansioso por ouvi-la, aplicá-la e obedecer-lhe nos aspectos práticos da vida diária”²⁴.

A mente também é importante na pregação do evangelho, insiste Stott. Ele defende o lugar da “teologia persuasiva”. Essa técnica consiste em, por meio do diálogo (encontro e confrontação), “expor as inadequações e falsidades da religião não-cristã e demonstrar a adequação e verdade, perfeição e totalidade do Senhor Jesus Cristo”²⁵. Somente depois de “convencer”, “censurar” ou “condenar” é possível convidar ao arrependimento. Segundo Stott, a teologia persuasiva expõe o pecado e convida o ouvinte a se responsabilizar por ele; está baseada e justificada pela Bíblia e seus ensinamentos; o diálogo da teologia persuasiva é agradável e demonstra amor pelo próximo; e, por fim, confirma a obra do Espírito Santo que “convence” o ser humano. Citando vários versículos do livro de Atos dos Apóstolos (Atos 20.31; 17.2,17; 18.4,19; 19.8,9; 24.25; 9.29; 9.22; 17.3; 18.28) e o grego utilizado por Lucas para escrevê-los, Stott defende que não devemos ter medo de “argumentar racionalmente” com as pessoas. Afinal, segundo ele, diante do exposto pelos apóstolos, as pessoas foram “persuadidas” (Atos 17.4; 18.4; 19.8,26; 28.23,24). “Se disserem que não podemos levar em conta a mente humana na pregação evangelística porque ela está obscurecida, só posso responder que os apóstolos tinham outra opinião”²⁶.

Para Stott, a mente, o intelecto humano é importante no processo de conversão, no entendimento da Palavra de Deus e na pregação persuasiva do evangelho.

4. A Missão Cristã

Os escritos deixados por Stott nos apresentam uma defesa da Missão da Igreja. Para ele, “‘Missão’ descreve tudo que a Igreja é enviada a fazer no mundo. ‘Missão’ agrega a dupla vocação de serviço da Igreja: ser ‘sal da terra’ e ‘luz do mundo’”²⁷.

Stott viveu em meio a uma “tensão” a respeito da missão eclesial: de um lado estavam os cristãos tradicionais que defendiam o “ponto de vista mais antigo ou tradicional” que igualava “missão a evangelismo, missionários a evangelistas, missões a programas evangelísticos”; do outro os cristãos ecumênicos que tentou um novo vocabulário a missões,

²⁴ Timothy Dudley-Smith, *Cristianismo autêntico : 968 textos selecionados da obra de John Stott*, Editora Vida, 2006, p.319.

²⁵ John Stott, *A Missão Cristã no Mundo Moderno*, Ultimato, 2010, p.85.

²⁶ John Stott, *O Perfil do Pregador*, Ultimato, 2011, p. 50.

²⁷ John Stott, *A Missão Cristã no Mundo Moderno*, Ultimato, 2010, p.36.

defendendo que o propósito da *missio Dei* “é o estabelecimento da *shalom* (hebraico para ‘paz’) no sentido da harmonia social”²⁸. Esse último grupo acreditava que a missão seria exemplificada “na emancipação das raças de cor, na preocupação com a humanização dos relacionamentos industriais, nas várias tentativas de desenvolvimento rural, na busca da ética profissional e empresarial e no cuidado com a honestidade e integridade intelectual”²⁹. Diante desse duelo de pensamentos, Stott apresentou “um caminho melhor”, “mais equilibrado e mais bíblico” ao definir a missão da igreja relacionando as responsabilidades evangelísticas e sociais.

No livro *A Missão Cristã no Mundo Moderno* Stott escreve sobre missão diálogo, conversão, salvação e evangelismo. Sobre o tema em voga, o autor inicia sua argumentação partindo da premissa que “a missão surge primariamente da natureza de Deus e não da natureza da igreja. O Deus vivo da Bíblia é um Deus que envia”. Deus enviou Abraão, José, Moisés, os profetas, seu Filho e seu Espírito. “Agora”, destaca Stott, “o Filho envia – como ele próprio foi enviado”. Stott baseia no “assim como” registrado no evangelho de João (17.18; 20.21) para afirmar que Jesus fez da sua missão um “modelo” para a nossa. Assim como Deus o enviou *ao mundo*, Jesus nos envia para servir. Nas palavras de Stott, Jesus “tomou sobre si nossa humanidade, nossa carne e sangue, nossa cultura. Na verdade, ele se tornou um de nós e experimentou nossa fragilidade, nosso sofrimento e nossas tentações. Ele até assumiu nosso pecado e morreu nossa morte. Agora ele nos envia ‘ao mundo’ para nos identificarmos com os outros assim como ele se identificou conosco (ainda que sem perder nossa identidade cristã), para nos tornarmos vulneráveis assim como ele se tornou”³⁰. Partindo desse raciocínio, Stott defende uma parceria entre evangelismo e ação social. Para ele, a Missão da Igreja, modelada pela missão de Cristo, deve ser uma missão de serviço humilde, pois fomos enviados ao mundo para servir. Como servos, a Missão da Igreja deve envolver tanto palavras quanto obras, tanto atividade social quanto evangelística, preocupando-se com a doença e fome da alma e do corpo. Para Stott, a ação social da Igreja não deveria ser apenas “um meio de evangelismo”, pois tornaria o engajamento na causa social uma dissimulação e hipocrisia. Nem ainda, a ação social deveria ser uma “manifestação do evangelismo”, o que para Stott seria uma justificativa ou um subproduto da proclamação. Para Stott, evangelismo e ação social são parceiros, complementares, mas independentes. Ambos os mandamentos,

²⁸ John Stott, *A Missão Cristã no Mundo Moderno*, Ultimato, 2010, p.20.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*, p.29.

proclamação e serviço, devem ser cumpridos conforme a situação do necessitado e o chamado do missionário. A Missão da Igreja, segundo Stott, resulta em pelo menos três implicações práticas: vocacional, local e nacional. Para ele os cristãos podem exercer a responsabilidade social e evangelística no seu trabalho secular com “justiça, retidão, honestidade, dignidade humana e compaixão”; a igreja local pode manifestar seu amor ao próximo estabelecendo em sua membresia “grupos de estudo e ação” que atuem em “visitação das casas” da comunidade local, evangelizando numa “faculdade” próxima à igreja, visitando “pessoas idosas ou doentes” no hospital da região; nacionalmente, os cristãos podem se unir em associações, congressos ou convenções para estudarem estratégias para evangelização mais ampla. Stott foi exemplo desse tipo de manifestação evangelística. Foi pastor da All Souls Church “no centro de Londres desde 1950 até 1975, quando foi nomeado reitor emérito para dedicar-se a seus ministérios mundiais”³¹.

Os argumentos de John Stott tiveram maior repercussão a partir do Congresso Internacional de Evangelização Mundial, ocorrido em 1974 em Lausanne, Suíça, no qual participaram representantes de mais de 150 nações. O *Pacto de Lausanne*³² foi um documento resultante deste Congresso do qual Stott foi um dos principais autores. O Pacto declara a inerrância da Bíblia, a unicidade e universalidade salvadora de Jesus e a responsabilidade dual cristã – de evangelização e de ação social. Depois do Congresso e sob o chamado de Billy Graham foi criado o Movimento de Lausanne, de caráter voluntário e internacional, com o propósito de “motivar e apoiar cristãos e igrejas para orar, estudar, planejar e trabalhar para a evangelização do mundo inteiro”³³. O Movimento de Lausanne também promove e crê na dupla missão do crente: o evangelismo e a ação social, pregada por Stott.

Stott buscou um equilíbrio entre a visão tradicional, que via a missão como exclusivamente evangelística, e a visão ecumênica que pregava o estabelecimento da *shalom* no mundo. Para ele a Missão da Igreja era o cumprimento de ambos: evangelização e justiça social.

5. A Singularidade de Cristo

³¹ Justo González, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé*, Hagnos, 2008, p.594.

³² O Pacto de Lausanne pode ser lido na íntegra e gratuitamente em www.ultimato.com.br/pagina/pacto-de-lausanne

³³ Justo González, *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé*, Hagnos, 2008, p.414.

Embora Stott tenha defendido um diálogo entre religiões – para confrontar e persuadir – não admitia, em nenhuma hipótese, outro meio de salvação ou a comparação de Jesus com outros líderes religiosos. “Para nós”, afirmou Stott, “ele é o inigualável. É simplesmente Jesus. Nada pode ser acrescentado a isso. Ele é único”³⁴. Stott escreveu:

“Não negamos que existem elementos de verdade nos sistemas não-cristãos, vestígios da revelação geral de Deus na natureza. O que negamos veementemente é que isso seja suficiente para a salvação e (mais veementemente ainda) que a fé cristã e as crenças não-cristãs são caminhos alternativos e igualmente válidos até Deus.”³⁵

Percebe-se, portanto, que Stott defendia um único caminho até Deus, a saber, Jesus Cristo, seu Filho. Esse pensamento cristocêntrico levou Stott a afirmar que o propósito da Bíblia é conduzir-nos a Jesus e instruir-nos para a salvação. “A Palavra escrita aponta para a Palavra Viva e nos diz: ‘Vá para Jesus.’ Se não formos até o Jesus que ela indica, perdemos de vista todo o propósito da leitura bíblica”³⁶. A Bíblia, segundo Stott, confirma pelas suas afirmações que Jesus é o Cristo. Aliás, para ele, o cristianismo é baseado nas afirmações do próprio Jesus. Essas duas vertentes convergem na unicidade de Jesus.

A auto-centralidade das afirmações de Jesus, segundo Stott, o distancia dos outros líderes religiosos. “Eles se anulavam, apontando para a verdade que ensinavam; Jesus evidenciava a si mesmo”³⁷, afirmou Stott. Suas afirmações não variavam do “eu” ou “mim”. “Eu sou o pão da vida”; “eu sou a videira verdadeira”; “eu sou a porta”; “eu sou a luz do mundo”; “eu sou o caminho, a verdade e a vida”. “Venham a mim”; “aprendei de mim”; “sigam a mim”. Essa autoconsciência de Jesus não deixa dúvida que ele acreditava ser único, oferecendo-se aos seus discípulos como objeto de amor, obediência e fé. Além disso, Stott argumenta que as afirmações de Jesus carregam um alto teor de intimidade com Deus e autoridade divina. Jesus afirmou várias vezes ser “o Filho de Deus” e o chamava de “Abba, meu Pai”. Desde a sua meninice, aos doze anos, conversando com os doutores no Templo, Jesus reconhecia Deus como seu Pai (Lc 2.49); e mesmo na sua morte, suas palavras finais foram: “Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito” (Lc 23.46). Em relação à autoridade, Stott

³⁴ Timothy Dudley-Smith, *Cristianismo autêntico : 968 textos selecionados da obra de John Stott*, Editora Vida, 2006, p.60.

³⁵ John Stott, *A Missão Cristã no Mundo Moderno*, Ultimato, 2010, p.84.

³⁶ John Stott, *A Bíblia o livro para hoje*, ABU Editora, 1993, p.30.

³⁷ John Stott, *Por que sou Cristão*, Ultimato, 2004, p.40.

escreve que “Jesus reivindicou para si autoridade para ser Salvador e Juiz das pessoas”. No dia do julgamento, Ele separará as ovelhas dos bodes; em outras ocasiões disse: “Teus pecados estão perdoados”. A autocentralidade de Jesus coloca-o a parte e o faz singular.

Outro argumento de Stott sobre as afirmações de Jesus é que o vaticínio bíblico cumpriu-se Nele. Num sábado, em uma visita a uma sinagoga, Jesus declarou que a profecia de Isaias se cumpria (Is 61.1,2; Lc4.18-21). Duas profecias – a honra do “Filho do Homem” (Dn 7.13,14) e a vergonha do “servo sofredor” (Is 53.3,12) – foram sintetizadas em cumprimento único na vida de Jesus, conforme sua própria afirmação em Marcos 8.31. Para Stott, Jesus “endossou o Antigo Testamento” e deu autoridade para que o Novo Testamento fosse escrito. Sendo, Cristo mesmo, o propósito e o centro das Escrituras Sagradas, Stott adverte: “Não basta possuir uma Bíblia, ler a Bíblia, amar a Bíblia, estudar a Bíblia, conhecer a Bíblia. Precisamos nos perguntar: será que o Cristo da Bíblia é o centro de nossas vidas?”³⁸.

Para Stott, isso seria o motivo inevitável que os pregadores cristãos deveriam proclamar. Para ele, o modelo de bom pregador deveria ser perseguido por aqueles que transmitem a mensagem salvadora da Bíblia. Segundo Stott, na Bíblia encontramos algumas metáforas para exemplificar as funções do bom pregador. A figura do “despenseiro” dá autoridade ao pregador; o “arauto” tem o dever de proclamar e esperar uma resposta dos ouvintes; a imagem da “testemunha” lembra que o pregador deve ter experiência e humildade; assim como um “pai”, o pregador deve ter amor e carinho pelos ouvintes; e por fim, o “servo” representa o poder e a humildade que o pregador deve ter. Em todas essas exigências àquele que proclama o evangelho de Cristo, Stott afirma que a pregação deve ser centrada Nele. O termo usado por Stott é κήρυξ³⁹ para afirmar que a “ênfase” da proclamação deve ser a “morte substitutiva do Salvador, pelos pecados do mundo”⁴⁰. Baseando-se na vida dos apóstolos, Stott defende que os “sermões” do pregador do evangelho, tal qual “testemunha”, devem estar “repletos de Cristo”, devem falar “da vida e do ministério de Cristo”⁴¹. Segundo ele, o testemunho verdadeiro deve ser um testemunho de Jesus Cristo, não uma autopropaganda ou autobiografia do pregador. O *kerigma* da igreja deve centrar-se em Cristo, e este crucificado (1 Co 2.2).

³⁸ John Stott, *Por que sou Cristão*, Ultimato, 2004, p.43.

³⁹ *Kéryks*, substantivo de *kéryssos*: Um arauto, alguém que clama publicamente, pregador do evangelho. James Strong, *Dicionário Grego do Novo Testamento*, CPAD, 2011, p.2265.

⁴⁰ John Stott, *O Perfil do Pregador*, Ultimato, 2011, p.38.

⁴¹ John Stott, *O Perfil do Pregador*, Ultimato, 2011, p.58.

Outra representação da singularidade de Cristo, segundo Stott, é o valor da sua morte. Não somente os magníficos exemplos deixados por Jesus durante o seu ministério terreno e sua impecabilidade; não apenas a sua vida, mas a sua morte foi um marco único e diferencial em Jesus. Para Stott, Jesus está “à parte de outros líderes religiosos”, não podendo ser comparado. Ao citar Maomé, Buda, Moisés, Confúcio, Stott lembra que todos “morreram de causas naturais, idosos”. Embora tenham completado suas carreiras com sucesso, a morte deles é lamentada e não tem importância em si mesma. Com Jesus é diferente. Sua morte sempre foi enfatizada, tanto por ele mesmo quanto por seus seguidores. Jesus revelou que deveria sofrer e morrer (Mc 8.31) e afirmou que a “hora” da morte havia chegado (Jo 12.23,24). Paulo, Pedro e João deram ênfase ao seu sofrimento e à sua morte pelos pecadores (1 Co 2.2; 1 Pe 3.18; 1 Jo 4.10). O Deus que sente a nossa dor é um Deus presente, único e incomparável. Stott escreveu:

“Em minhas viagens entrei em vários templos budistas em diferentes países da Ásia. Permaneci neles em atitude respeitosa diante de uma estátua de Buda, que tinha as pernas cruzadas, os braços dourados, os olhos fechados, o fantasma de um sorriso nos lábios, sereno e silencioso, com um olhar distante na face, desligado das agonias do mundo. Em cada uma dessas vezes, depois de um tempo eu tinha de dar as costas. E, em minha imaginação, voltava-me para aquela figura solitária, retorcida, torturada sobre a cruz, com pregos lhe atravessando as mãos e os pés, com as costas dilaceradas, distendidas, a testa sangrando nos pontos perfurados por espinhos, a boca seca, sedenta ao extremo, mergulhada na escuridão do esquecimento de Deus. O crucificado é o Deus por mim!”⁴²

Stott cria que a morte de Jesus, na faixa dos 30 anos, odiado por seu povo, mesmo aparentando fracasso, é o que o torna diferente e inatingível. A morte substitutiva de Cristo na cruz foi, segundo Stott, para expiar nossos pecados, revelar o caráter de Deus e conquistar os poderes do mal.

No pensamento de John Stott, Jesus é singular por ter cumprido todas as profecias a seu respeito, por ser pregado em forte testemunho durante séculos e por ter a morte como um elemento de vitória sobre o pecado e de recordação memorial.

6. Conclusão

⁴² John Stott, *Por que sou Cristão*, Ultimato, 2004, pp.67-68.

O segundo capítulo do último livro de John Stott foi baseado no texto do seu último sermão público em julho de 2007. Ele tentou responder às perguntas: “Qual é o propósito de Deus para o seu povo? O que vem depois de nos convertermos?”. “O que tem feito minha mente descansar ao me aproximar do fim de minha peregrinação pela terra”, concluiu Stott, “é o seguinte: Deus quer que seu povo se torne como Jesus.”⁴³.

Somente alguém que tinha “o espírito de Lausanne” poderia apelar dessa forma sem demagogia. Segundo Douglas Birdsall, o “espírito de Lausanne” foi uma expressão que surgiu depois do Congresso em 1974. Esse era “um espírito de oração, estudo, parceria, esperança e humildade. Cada um desses componentes era importante para John Stott, e caracterizava a maneira como ele viveu”⁴⁴.

Um pastor anglicano, íntegro, que cria na inerrância da Bíblia, que apreciava a vida natural, que tinha um senso de humor britânico, deixa-nos um legado de mais de 50 títulos publicados. Ele acreditava que a capacidade intelectual humana dada por Deus é usada pelo próprio Cristo para nos buscar. Ele cria que Jesus se decidiu por nós e nos amou primeiro, e, como um “Cão de caça do céu” nos atrai para a salvação. Para Stott, Cristo nos encontra e faz-nos lembrar dos pecados de outrora, oferecendo seu perdão. A mente convertida, segundo Stott, deveria se submeter ao senhorio dos mandamentos de Cristo registrados na Bíblia. Em obediência ao seu chamado, o pregador deve usar de persuasão para atrair outros a Cristo. Dessa forma, a mente é instrumento de Deus para a conversão, crescimento espiritual e divulgação da mensagem salvadora de Cristo.

O homem que personificava “o espírito de Lausanne” lembra-nos de que todo cristão, em todo lugar, tem uma dupla responsabilidade. Seja no trabalho secular, desempenhando sua função com honestidade, justiça e integridade; seja na comunidade local, auxiliando no seu desenvolvimento sócio-político-cultural; ou em convênios maiores de amplitude nacional ou internacional para a divulgação do Reino de Deus, todo cristão deve perseguir esse duplo ministério: ação social e evangelização.

Se devemos nos tornar como Jesus, Stott corrige nosso foco ao escrever sobre a singularidade de Cristo. Sua morte substitutiva na cruz do Calvário é nosso modelo de serviço. Diferentemente de outros líderes religiosos, a morte de Jesus foi tão importante quanto a sua vida. Sua morte lembra-nos de seu amor por nós, o caráter de Deus e seu desejo

⁴³ John Stott, *O Discípulo Radical*, Ultimato, 2011, p. 23.

⁴⁴ Douglas Birdsall, *John Stott: Pastor, Leader and Friend*, The Lausanne Movement, 2012, p.8.

de salvar-nos. Devemos ser semelhantes a Jesus em seu serviço, em sua missão, em seu amor e longanimidade.

A vida ministerial de Jesus foi vaticinada pelos profetas e cumprida em sua plenitude. O endosso do Antigo Testamento pelos acontecimentos na vida de Jesus e suas próprias afirmações levam-nos a proclamar esse evangelho salvador como testemunhas e arautos; com humildade e poder; com fidelidade e ousadia.

Como escreveu Grenz, nosso desafio diário é “ser cristão como indivíduo e como comunidade no contexto em que Deus insere cada um de nós”⁴⁵. Para Stott,

“A vida é uma peregrinação de aprendizagem, uma viagem de descobertas na qual nossas perspectivas errôneas são corrigidas, nossas noções distorcidas, ajustadas, nossas opiniões superficiais, aprofundadas e algumas de nossas vastas ignorâncias, diminuídas.”⁴⁶

John Stott tem muito mais a nos ensinar, contudo desse simples e breve artigo sobre alguns de seus escritos, concluímos que nossa mente é importante para a realização da nossa missão que deve ser centrada em Jesus.

7. Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri - SP : Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

CHAPMAN, Alister. **Godly ambition : John Stott and the evangelical movement**. New York, Oxford University Press, 2012.

DUDLEY, Timothy. **Cristianismo autêntico: 968 textos selecionados das obras de John Stott**. São Paulo : Editora Vida, 2006.

GRAHAM, Billy. **The 2005 TIME 100**. The lives and ideas of the world's most influential people. 18 abr. 2005. Acesso em 27 jul. 2013. Disponível em:

⁴⁵ GRENZ, Stanley J. Grenz, *A busca da moral: fundamentos da ética cristã*, Editora Vida, 2006, p.20.

⁴⁶ John Stott, *A Missão Cristã no Mundo Moderno*, Ultimato, 2010, p.12.

http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1972656_1972717_1974108,00.html

GRENZ, Stanley J. **A busca da moral: fundamentos da ética cristã**. São Paulo: Editora Vida 2006.

GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. São Paulo : Hagnos, 2008.

STOTT, John R. W. **A Bíblia: o livro para hoje**. São Paulo : ABU Editora, 1993.

_____. **Crer é também pensar**. São Paulo : ABU Editora, 2001.

_____. **Por que sou cristão**. Viçosa, MG : Ultimato, 2004.

_____. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa, MG : Ultimato, 2010.

_____. **O discípulo radical**. Viçosa, MG : Ultimato, 2011.

_____. **O perfil do pregador**. 1. ed. rev. – São Paulo : Vida Nova, 2011.

STRONG, James. **Dicionário Grego do Novo Testamento**. *In* Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego. Rio de Janeiro, 2011.

WRIGHT, Chris; [et. al]. **John Stott: Pastor, leader and friend**. Peabody/MA, The Lausanne Movement, 2012.